

## Temporalidade (re)tradutória na concepção bermaniana

Ana Magda Stradioto-Casolato  
mestranda/Universidade de São Paulo (USP)  
ana.stradioto@usp.br

**RESUMO:** Este estudo tem por objetivo analisar a temporalidade na concepção bermaniana de retradução. Para tanto, abordamos os elementos constitutivos tais quais indicados pelo próprio Antoine Berman nos diversos ensaios em que trata do tema bem como nos questionamentos deles decorrentes contidos especialmente em Gambier (2011) e Godard (2001). Sugerimos um outro ponto de vista para algumas dessas categorias temporais, ou seja, uma outra perspectiva cultural que seria mais fecunda às proposições do autor acerca da temporalidade da retradução. Assim, partindo de um exemplo do próprio Berman do que seria uma grande retradução, propomos um redimensionamento da categoria temporal de base ocidental-grega – *kairós* –, substituindo-a por outra análoga, porém de origem oriental-chinesa – *shí* –, revelando-se, esta última mais profícua para a temporalidade retradutória na concepção de Antoine Berman.

100

**Palavras-chave:** Antoine Berman; retradução e temporalidade; *kairós* e *shí*.

## La temporalité (re)traductrice dans la conception bermanienne

**RÉSUMÉ:** Cette étude a pour but l'analyse de la temporalité dans la conception bermanienne de la retraduction. Pour y parvenir, nous abordons les éléments constitutifs qu'Antoine Berman a lui-même indiqués dans plusieurs essais où il traite le thème ainsi que les questionnements en résultant qui figurent particulièrement dans les articles de Gambier (2011) et de Godard (2001). Nous suggérons un autre point de vue pour certaines de ces catégories temporelles, c'est-à-dire, une tout autre perspective culturelle plus féconde aux propositions de l'auteur au sujet de la temporalité de la retraduction. Donc, en partant d'un exemple de Berman lui-même de ce que serait une grande retraduction, nous proposons un redimensionnement de la catégorie temporelle de référence grecque occidentale – *kairos* –, en la remplaçant par un autre analogue, pourtant d'origine chinoise-orientale – *shí* –, en s'avérant, cette dernière, plus productive pour la temporalité retraductoire dans la conception d'Antoine Berman.

**Mots-clés:** Antoine Berman; retraduction et temporalité; *kairos* et *shí*.



## 1. O espaço e o tempo da (re)tradução bermaniana

A retradução, apesar de ser uma prática corrente, somente nas últimas décadas conheceu um maior interesse nos Estudos da Tradução. Já se debruçaram sobre o fenômeno Antoine Berman (1990), Jean-René Ladmiral (2011), Yves Gambier (2011), Henri Meschonnic (1999) e, no âmbito nacional, Simone Petry (2015 e 2016), Thiago Mattos e Álvaro Faleiros (2014), Mauri Furlan (2013) e John Milton e Marie-Hélène Torres (2003), entre outros. Contudo, e a despeito destes importantes trabalhos, a retradução ainda oferece campo para mais pesquisa e debate. De fato, trata-se de um termo de difícil conceituação, tanto que ainda não há um consenso sobre o que seria retradução, cada teórico oferecendo um significado e uma abrangência diferentes para a referida prática (MATTOS; FALEIROS, 2014, p. 35-45). Para este estudo, interessa a concepção bermaniana de retradução e as decorrentes reflexões que o autor desenvolveu sobre o assunto. É Antoine Berman quem primeiro trata do tema no seminário sobre tradução promovido pelo *Collège Internationale de Philosophie* em 1984 – que seria publicado no ano seguinte, em primeira edição, como *La traduction ou l'auberge du lointain* (BADIOU; BERMAN; CASSIN, 1999, p. 13) –, quando se refere inicialmente a “re-tradução”. Ainda em 1984, ele aborda o assunto colateralmente no ensaio *L'épreuve de l'étranger*, enfatizando a importância da retradução como experiência tradutória (PETRY, 2015, p. 169-70). Cinco anos depois, após esboçar o seu entendimento sobre o tema, ele escreve o texto fundador em matéria de retradução, *La retraduction comme espace de la traduction* (MATTOS; FALEIROS, 2014, p. 40). Em 1999, é publicada postumamente a segunda edição de *La traduction ou l'auberge du lointain*, revista e aprimorada, em parte pelo próprio autor e por Alain Badiou, Isabelle Berman e Barbara Cassin (PETRY, 2016, p. 13). Nesta reedição, o termo “re-tradução” (*re-traduction*) da primeira edição é substituído por “retradução” (*retraduction*), e suas considerações sobre este tópico são estendidas.

Segundo Berman, retradução é toda nova tradução de uma obra que tenha sido anteriormente traduzida (1990<sup>1</sup>, p. 1-3). Dessa maneira, há a primeira tradução de um lado e, de outro, todas as demais que se seguiram, ou seja, as retraduições, sejam elas simultâneas ou sucessivas. A partir desta tipificação, o autor fala em uma dimensão espacial e outra temporal para a tradução e para a retradução. Assim, haveria um espaço e um tempo da tradução e um espaço e um tempo da retradução (1985, p. 116).

---

<sup>1</sup> Utilizamos, neste artigo, a versão original em francês. Observamos que existe a tradução para o português de referido texto que informamos a seguir: BERMAN, Antoine. *A retradução como espaço da tradução*. Tradução de Clarissa Prado Marine e Marie-Hélène C. Torres. Cadernos de Tradução, v. 37, n. 2, p. 261-268, 2017. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2017v37n2p261>>.

Por espaço entendemos ser o âmbito, a alçada, o campo de realização, de completude<sup>2</sup>, de referidas modalidades. Portanto, o espaço da tradução, como demarcado por Berman, seria formado apenas pela tradução inédita de uma obra. O espaço da tradução ficaria, conseqüentemente, bastante reduzido, porque o tradutor trabalha apenas com a obra original (PETRY, 2016, p. 163). O campo da tradução fica ainda mais circunscrito, visto que Berman considera que, em havendo uma tradução anterior, mesmo que seja somente de uma parte da obra, a tradução dos demais trechos ou de todo o original deve ser entendida como sendo uma retradução. Para ilustrar esse entendimento, ele cita como exemplos as traduções de Plutarco por Amyot e de Poe por Baudelaire, que considera retraduições, uma vez que as obras originais desses escritores já haviam sido parcialmente traduzidas quando os referidos tradutores as retraduziram (1990, p. 3-4). Logo, o espaço da retradução é muito mais extenso, já que inclui, além do próprio original, a primeira tradução e todas as que se seguiram, razão pela qual passa a falar em retradução como espaço da tradução, título do ensaio que instaurou as reflexões sobre retradução. Como bem observa Petry, Berman afirma que as retraduições seriam sempre segundas traduções, quer em relação à primeira tradução, quer em relação às outras retraduições (2016, p. 163).

De acordo com Berman, toda tradução, tanto a primeira quanto as segundas – as retraduições –, seria deficiente. A deficiência teria a sua origem na não-tradução, isto é, na impossibilidade de tradução ou mesmo na resistência a ela. As primeiras traduções de uma obra seriam ainda mais falhas que as suas retraduições. Isso se deveria ao fato de que aquelas seriam “pobres”, marcadas por uma insuficiência enquanto, entre as várias retraduições, poderia surgir a grande retradução, esta última caracterizada não pela falta, mas, ao contrário, pela abundância. Esta abundância teria origem na reiteração que é a própria retradução. Apoiando-se em Goethe, para quem o aperfeiçoamento de toda ação humana depende da sua repetição, do acúmulo de experiências, o autor afirma que as primeiras traduções seriam cegas e hesitantes, pois o seu espaço de realização, de completude, seria muito reduzido (1990, p. 4-6). Cabe esclarecer que Berman faz a ressalva de que pode haver uma primeira grande tradução que não estaria sujeita a caducidade como em geral o estão as primeiras traduções, sobrevivendo com esplendor igual ao dos originais, por vezes, até mesmo os suplantando (1990, p. 1-2).

Reiteração, experiência, aperfeiçoamento e caducidade são todos acontecimentos que implicam uma determinada temporalidade, desenrolam-se em um certo tempo. E então passamos do espaço para o tempo da (re)tradução.

---

<sup>2</sup> O termo usado por Berman é *accomplissement*, traduzido como “realização” por Petry (2015, p. 174) e como “completude” por Mattos e Faleiros (2014, p. 41). Optamos por adotar ambas as traduções por entendermos que juntas transmitem as dimensões da concepção idealizada por Berman de demarcação de espaço e, ao mesmo tempo, de atividade bem-sucedida.

Berman explica que traduzir é uma atividade submetida ao tempo, havendo (re)traduções que envelhecem e morrem. Igualmente, há aquelas que perduram, como as grandes (re)traduções marcadas pela abundância<sup>3</sup>, isto é, a deficiência, ainda que presente, é contra balanceada pela riqueza da língua, riqueza da relação com a língua original, riqueza textual, a riqueza significativa etc. (1990. p. 5). Porém, a abundância está sujeita a um fator temporal, espécie de portal que se abre no tempo: o momento favorável.

Com efeito, Berman atrela a (re)tradução abundante ao *kairós*, o momento favorável. Novamente partindo de Goethe, e igualmente de Benjamin, que teriam esboçado a teoria do *kairós* como momento favorável de uma tradução (1985, p. 116), o teórico francês desenvolve referida reflexão esclarecendo que o *kairós* teria lugar quando brusca e imprevisivelmente é suspensa a resistência à tradução (1990, p. 6). Resistência que dá origem à deficiência de toda (re)tradução, impedindo que sejam bem-sucedidas, abundantes. Ele adverte que essa suspensão momentânea não se dá sem razão. São os contextos histórico, literário e sociocultural que determinam esse momento. A nova tradução de uma obra, portanto, a sua retradução, passa a ser necessária para uma cultura em um determinado momento histórico (*chrónos*). Deste modo, quando o *kairós* (momento favorável) se manifesta no *chrónos* (tempo cronológico, tempo histórico), ele permite a (re)tradução abundante (bem-sucedida), vale dizer, a grande (re)tradução, que é aquela que não morre ou envelhece, ou seja, eterniza-se passando a uma outra categoria temporal, *aión* (eternidade).

## 2. Concepção bermaniana da temporalidade (re)tradutória: desafios

Os fundamentos sobre retradução introduzidos no ensaio de 1990 foi objeto de algumas críticas. O âmbito deste trabalho, entretanto, propõe-se a elencar somente os questionamentos relativos à concepção bermaniana acerca da temporalidade retradutória<sup>4</sup>. Após analisar os comentários de Godard (2001) e Gambier (2011), sugerimos uma nova abordagem, ou seja, a passagem para uma

---

<sup>3</sup> Importante mencionar que em *La retraduction comme espace de la traduction* (1990), ensaio precursor dos debates sobre retradução e texto em que desenvolve a sua reflexão sobre a temporalidade da (re)tradução, Berman entende (re)tradução abundante como a bem-sucedida, a grande (re)tradução. Posteriormente, em *L'accentuation et le principe d'abondance en traduction* (1991), o autor expande o conceito. Porém, para fins deste artigo cujo interesse é discutir a temporalidade (re)tradutória na concepção bermaniana, ficaremos com a acepção inicial de (re)tradução bem-sucedida quando falarmos em (re)tradução abundante.

<sup>4</sup> A temporalidade retradutória, segundo Berman, foi exposta em linhas gerais no item anterior para podermos, agora, tratar das críticas levantadas a esse aspecto de suas formulações. No item que se segue a este, detalharemos a noção particular de *kairós* para que possamos esboçar um novo ponto de vista que acreditamos ser mais fecundo para as ponderações bermanianas acerca da temporalidade da retradução.

outra noção de tempo na tentativa preambular de, em assim procedendo, refutar mencionadas críticas e roborar o entendimento de Berman acerca do tema.

Gambier e Godard foram os teóricos que levantaram objeções especificamente sobre a concepção bermaniana da temporalidade retradutória. Este trabalho cuidará apenas da análise de Gambier acerca do assunto. Não abordaremos a crítica de Godard, uma vez que a autora aponta como sendo o principal problema da temporalidade da concepção bermaniana da retradução o fato de ser dissociada da recepção (2001, p. 68). A despeito de o tema do peso da recepção para a (re)tradução bermaniana fugir ao escopo deste estudo, cabe mencionar que, com efeito, a visada ética da (re)tradução, tal qual proposta por Berman, não permite que a principal preocupação do tradutor seja o público. E, no que se refere à temporalidade (re)tradutória, ao considerar as grandes traduções, aquelas que jamais envelhecem, o autor observa que o fenômeno se verifica independentemente do número de leitores que elas possam ter: “Ainda que Plutarco não mais nos fascine, a tradução de Amyot continua viva” (1990, p. 2). No mesmo sentido, ele ilustra o seu argumento ao citar as traduções de *Antígona* de Sófocles por Hölderlin no séc. XIX, quase que unanimemente rejeitada pelos leitores da época, mas que, no século seguinte, foi reconhecida pela crítica como uma das maiores traduções da história ocidental (1985, p. 98). Portanto, segundo Berman, a aceitação pelo público realmente não é um dos fatores que contribuem para determinar se uma (re)tradução é bem-sucedida. Cabe aqui frisar que, quando Berman fala em grandes (re)traduções, está se referindo também a originais que são considerados grandes obras literárias, como a Bíblia, e a escritores igualmente prestigiosos, como Sófocles, Plutarco, Homero, Virgílio, Poe etc. Além disso, Berman adverte sobre os riscos das concessões que costumam acontecer quando se traduz tendo como principal escopo a recepção (1985, p. 84-5). O que nos leva a ponderar que, tal como um grande escritor não escreve para o grande público, uma grande tradução também não é aquela que tem como escopo os leitores. Nesse sentido, retomando as reflexões de Berman, a visada de uma grande tradução deve ser traduzir a letra da obra original, vale dizer, a sua forma enquanto coerência interna, a sua dimensão orgânica que confere valor à obra, aquilo que contribui para a sua grandiosidade dentro do sistema literário e a razão pela qual deve ser preservada pela tradução (1985, p. 90-1).

Assim sendo, passamos a comentar as ponderações elaboradas por Gambier acerca da temporalidade retradutória bermaniana. Como já mencionamos, para Berman, a tradução é uma atividade sujeita ao tempo. Contudo, segundo ele, a (re)tradução possui uma temporalidade particular (1990, p. 1) em que atuam caducidade-incompletude e *kairós*-abundância. Esta concepção da temporalidade (re)tradutória foi recebida por Gambier como

ambígua, repleta de desafios, simplista e vaga, cuja maior fraqueza estaria em considerar a história como uma progressão cronológica linear, um sinônimo de progresso. Entendida como uma verdadeira perspectiva teleológica baseada na visão evolucionista da história, seria legitimada pela percepção de obsolescência de uma (re)tradução. Em suma, seria uma hipótese que refletiria a dificuldade de Berman de passar do discurso metafórico ao discurso conceitual (GAMBIER, 2011, p. 57-8).

Começaremos pelo fim. Berman deixa claro que não tinha nenhuma pretensão conceitual ou teórica. As suas ponderações que chama de “esboços”, ou no dizer de Gambier, “hipóteses” sobre retradução, eram fundadas na sua experiência como tradutor e nas reflexões dela decorrentes:

**Não se pode falar aqui de *teoria*, de nenhuma espécie. Mas antes de *reflexão*, em um sentido que logo esclarecerei. Quero me situar inteiramente fora do enquadramento conceitual** representado pelo par teoria/prática, e substituir este par pelo de experiência e reflexão... A tradução é uma experiência que pode se abrir e se (re)colher na reflexão... **O discurso aqui esboçado** se enraíza na experiência da tradução – na tradução como experiência... **Esta é a tradução: experiência.** Experiência das obras e do ser-obra, das línguas e do ser-língua. Experiência, ao mesmo tempo, *dela mesma*, de sua essência... A tradução é sujeito e objeto de um saber próprio (1985, p. 37-8, itálicos de Berman e negritos nossos, tradução nossa<sup>5</sup>).

Como se viu acima, a experiência é um conceito fundamental para Berman e integra, igualmente, a sua concepção acerca da retradução, pois a base de suas reflexões sobre a retradução e a sua temporalidade está na noção goethiana de experiência e tempo. Para Goethe, a experiência é a mediação entre o objeto e o sujeito. Dotada de verdadeira força criativa, somente seria relevante se fosse frequente. A repetição incansável que gera a experiência andaria *pari passu* com a reflexão continuada no tempo. E seria o tempo o maior colaborador das grandes descobertas e realizações humanas, porque permite o acúmulo de experiência. E esta, por se desenrolar no tempo, exige atenção ao instante poderoso, às circunstâncias favoráveis e desfavoráveis para se alcançar os objetivos almejados

---

<sup>5</sup> “Il ne peut être question ici de *théorie*, d’aucune sorte. Mais plutôt de *réflexion*, dans un sens que je préciserai bientôt. Je veux me situer entièrement hors du cadre conceptuel fourni par le couple théorie/pratique, et remplacer ce couple par celui d’expérience et de réflexion... La traduction est une expérience qui peut s’ouvrir et se (re)saisir dans la réflexion... Le discours ici ébauché s’enracine dans l’expérience de la traduction – dans la traduction comme expérience... Telle est la traduction : expérience. Expérience des œuvres et de l’être-œuvre, des langues et de l’être-langue. Expérience, en même temps, *d’elle-même*, de son essence... La traduction est sujet et objet d’un savoir propre.”

(GOETHE, 1793, p. 3-6). Essa associação de experiência e tempo deu origem à temporalidade bermaniana da retradução representada pelo binômio *kairós*-abundância. A (re)tradução abundante (bem-sucedida) pressupõe a existência prévia de outras traduções – da repetição, da experiência cumulativa que se estende no tempo – e do momento favorável, quando as circunstâncias históricas, socioculturais são propícias a uma nova tradução.

De fato, como nota Bensimon:

Toda tradução é histórica, toda retradução também o é. Nem uma e nem a outra são separáveis da cultura, da ideologia, da literatura, em uma determinada sociedade, em um determinado momento histórico (1990, p. 1, tradução nossa<sup>6</sup>).

Este fator histórico questionado por Gambier, segundo Skibińska (2007, p. 2, 4-5), é o que determina a necessidade de reatualização do texto traduzido, que envelhece, razão pela qual não responde às necessidades de um novo público, pois os gostos variam, as convenções literárias mudam, as línguas evoluem. A autora elenca, ainda, outros fatores externos que determinariam a retradução bem como fatores internos que não listaremos ou analisaremos aqui, já que fogem à esfera deste trabalho. De toda forma, ela considera que tanto os fatores externos quanto os internos que **instauram a retradução são baseados em uma ideia de progressão linear**. Essa progressão compreende uma ideia de tempo, envelhecimento e de aprimoramento, de ambição de uma tradução “melhor” (2007, p. 2, 4-5, grifo nosso). Skibińska, como Berman, vê a retradução como uma tentativa de aperfeiçoamento, em que o tradutor tem verdadeira aspiração de superação. Ela chega até mesmo a falar em “ambição de emular” (2007, p. 5).

Este seria um dos objetivos da (re)tradução. Além deste, Berman atribui ainda uma visada poética e uma visada ética a toda (re)tradução. Para ele, a visada poética de uma (re)tradução é inseparável de sua visada ética, visto que consiste em deixar de lado a própria poética, a poética pessoal do tradutor para acolher a poética do Outro, reconhecendo-o e recebendo-o enquanto tal, enquanto Outro (1985, p. 88). A poeticidade da (re)tradução está no desejo do tradutor de “fazer obra” enquanto poiésis (BERMAN, *apud* GODARD, 2001, p. 68), realizando a (re)tradução abundante (bem-sucedida), ou seja, aquela que fará com que a (re)tradução de uma obra cumpra a sua função de renovação e mudança do sistema literário da cultura de chegada.

---

<sup>6</sup> “Toute traduction est historique, toute retraduction l’est aussi. Ni l’une ni l’autre ne sont séparables de la culture, de l’idéologie, de la littérature, dans une société donnée, à un moment de l’histoire donné.”

Gambier vislumbra a ambição de aperfeiçoamento, de abundância, bem como as visadas poética e ética da (re)tradução como uma percepção teleológica atrelada a uma visão evolucionista, progressista da história, que perceberia as traduções como datadas. Se considerarmos o envelhecimento de uma (re)tradução como causa e o propósito de aperfeiçoamento, de abundância como visada, podemos dizer que sim, a concepção bermaniana assim como a de Skibińska, Bensimon e Topia (1990, *apud* BENSIMON, 1990, p. 2), seria teleológica. Ora, a própria tradução é uma atividade teleológica sujeita aos escopos designados por quem a comissiona, aos propósitos editoriais, aos interesses acadêmicos e, também, à poética-ética do tradutor e do sistema literário de chegada. Da mesma forma, como já mencionamos, a tradução é submetida a um fator temporal e histórico. Ela pode se tornar obsoleta, com a desatualização da escrita e da leitura tradutórias, em razão de motivos históricos (socioculturais, ideológicos, editoriais, acadêmicos, comerciais etc.), que se desenrolam no tempo, e experimentar uma evolução, um progresso através das (re)traduções que procuram corrigir essa caducidade. É o decurso do tempo que permite o progresso pela repetição, pela experiência, que é o contato com outras (re)traduções, com vistas ao aperfeiçoamento e a uma tradução bem-sucedida. Ainda que o lapso temporal entre uma (re)tradução e outra de um mesmo original possa ser muito pequeno ou até inexistente, pois pode haver (re)traduções simultâneas, ela é precedida por aquelas anteriores, de outras épocas e de outras culturas, que personificam a reiteração, a experiência de que fala Berman, necessárias à (re)tradução abundante. E é esta concepção que é contestada por Gambier. Contudo, se aplicarmos a mesma lógica que Gambier usou para avaliar a temporalidade na concepção bermaniana da retradução às próprias críticas que faz a Berman ao longo dos anos – portanto em uma sucessão cronologicamente linear – veremos que Gambier reformulou o seu pensamento sobre retradução algumas vezes. Inicialmente, demonstrava adesão às proposições de Berman, mas depois foi se distanciando em alguns pontos de suas reflexões para, por fim, opor-se a elas. Claramente, houve um “progresso” na sua linha de pensamento acerca da retradução com o passar do tempo, o que é inteiramente aceitável, pois surgiram novas teorias nos Estudos da Tradução que o fizeram rever a sua opinião (MATOS; FALEIROS, 2014, p. 45-7). Atuaram, portanto, o decurso do tempo e fatores históricos na sua mudança de posicionamento. Verificamos, então, que o seu pensamento “alterou-se”, “transformou-se” assim como Berman afirma que acontece com as (re)traduções. O posicionamento inicial de Gambier teria sido visto pelo próprio teórico como desatualizado, “envelhecido” diante das novas formulações teóricas surgidas na área, razão pela qual reformulou-os, por que não dizer, retraduziu-os!

Berman, acompanhado por Skibińska, fala em traduções que envelhecem. Segundo a autora, uma tradução envelhece quando não mais atende às expectativas dos novos receptores já que os interesses, o sistema literário e as línguas mudam, impondo a necessidade de uma atualização das traduções (2007, p. 1-2). Importante observar que há concordância entre Skibińska e Berman no que se refere aos fatores de envelhecimento de uma tradução, salvo – cabe frisar – da importância que a autora dá aos leitores, ou seja, para ela, uma tradução envelhece por não mais satisfazê-los. No mais, Skibińska corrobora e amplia a concepção bermaniana. Para ele, uma tradução envelhecida é aquela que não mais desempenha o papel de inspiração, de estímulo e troca cultural das obras traduzidas, fazendo-se necessário para a cultura de chegada que a significância do original seja reestabelecida (BERMAN, 1990, p. 1-7).

Isto posto, depreendemos que a única ressalva à concepção bermaniana da temporalidade retradutória que Gambier faz e que subsiste – apesar da sua crítica a esse respeito ser tão vaga quanto avalia ser a referida noção proposta por Berman – diz respeito ao *kairós*, o momento favorável da retradução. A (re)tradução abundante dependeria dessa ocasião propícia e fugaz para acontecer. É esse aspecto temporal da retradução como vista por Berman que abordaremos a seguir.

### 3. Redimensionando o *kairós* retradutório de Berman

A (re)tradução abundante (bem-sucedida), de acordo com Berman, seria o produto de uma época particular em que as condições propícias para que aconteça se apresentam em um determinado momento favorável, o *kairós*:

Mas para que se produza essa tradução abundante, é preciso outra coisa, e é o *kairós*, o momento favorável. A grande retradução somente surge “no momento favorável”. O momento favorável é aquele em que se encontra brusca e imprevisivelmente (mas não sem razões) “suspensa” a resistência que gera a deficiência, a incapacidade de “bem” traduzir uma obra... Categoria temporal, o *kairós* remete à própria História. Em um dado momento, torna-se “enfim” possível traduzir uma obra... o tempo da tradução de uma obra é chegado, ou retorna (1990, p. 6, tradução nossa<sup>7</sup>).

<sup>7</sup> “Mais pour qui se produise cette traduction abondante, il faut autre chose, et c’est le *kairos*, le moment favorable. La grande retraduction ne surgit qu’«au moment favorable». Le moment favorable est celui où se trouve brusquement et imprévisiblement (mais non sans raisons) «suspendue» la résistance qui engendre la défaillance, l’incapacité de «bien» traduire une œuvre...Catégorie temporelle, le *kairos* renvoie à l’Histoire elle-même. A un moment donné, il devient «enfim» possible de traduire une œuvre... le temps de la traduction d’une œuvre est venu, ou revenu.”

Dessa forma, para Berman, a (re)tradução abundante dependeria desse fator temporal fortuito, abrupto. Ele ressalva que, a despeito do seu caráter de imprevisibilidade, essa ocasião não teria lugar sem razões. Estas seriam a necessidade da (re)tradução para o “ser” e a história de uma cultura (1990, p. 6).

Nesse princípio do *kairós* como fator temporal da (re)tradução abundante, estão presentes os componentes semânticos fundamentais da palavra grega *kairós*. De acordo com o *Vocabulaire européen des philosophies, dictionnaire des intraduisibles*, *kairós* designa um tempo especial, distinto do tempo geral *chrónos*, este último ligado à história e suscetível de datação. O *kairós* surge de maneira imprevisível, tendo a sua especificidade em designar um ponto crítico de ruptura e, simultaneamente, de abertura. Assinala, desta maneira, a abertura de um descontínuo em um contínuo (*chrónos*), constituindo-se em uma verdadeira brecha que surge no tempo em uma determinada circunstância histórica. É um momento decisivo, caracterizado pela brevidade e o qual se deve aproveitar para realização de um propósito (*op. cit.*, 2014, p. 1096-7). De fato, Berman atrela a (re)tradução abundante ao momento favorável que surge brusca e imprevisivelmente: é a abertura temporal. Como no verbete, esse instante oportuno da (re)tradução pode retornar, isto é, se manifestar em outras épocas, mas sempre vinculado ao elemento surpresa. As razões do *kairós* bermaniano são as circunstâncias históricas propícias mencionadas no dicionário dos intraduzíveis e que, para Berman, seriam a necessidade da (re)tradução para um sistema literário em um determinado momento, inserido em uma determinada época.

A noção do *kairós* aplicada à (re)tradução, tal qual formulado por Berman, apresenta algumas dificuldades. Inicialmente, essa formulação tem o inconveniente da brevidade do instante para se agir, compreendida no conceito *kairós* e que poderia implicar uma ideia de improvisação, precipitação, para que fosse possível se beneficiar do momento oportuno. E uma (re)tradução, para ser abundante, não pode ser improvisada nem precipitada, não condiz com incúria. Outro inconveniente dessa concepção está no fato de que o tradutor, para realizar uma (re)tradução abundante, dependeria da sorte, do destino para poder atuar nesse período tão específico e tão breve. Com efeito, o acaso é um componente problemático do termo *kairós* para a (re)tradução abundante. Parece haver um certo protagonismo do aleatório nessa concepção de (re)tradução abundante vinculada ao momento favorável, que colocaria a atividade tradutória, o ato mesmo de traduzir, enfim, o papel do tradutor, em segundo plano.

Essas objeções que o *kairós* confere à concepção bermaniana da temporalidade (re)tradutória não suprime a relevância da reflexão que o autor instaurou sobre o tema. A cadeia significativa do conceito grego aplicado à (re)tradução está na origem das deficiências acima apontadas. No entanto, a

adoção de um diferente ponto de vista, que permitiria redimensionar a categoria temporal *kairós* a partir de uma outra referência cultural, seria bastante profícua para a (re)tradução abundante. Assim, sugerimos a utilização de uma outra representação para o *kairós*. Partindo de um outro modo de conceber o tempo e o *kairós*, deixaremos de lado a lógica ocidental-helenista para nos basearmos no pensamento chinês e na sua relação com o tempo. Esse é o exercício empreendido pelo helenista e sinólogo francês François Jullien que propõe uma forma de “*de- e recategorização de um conceito*” sem ficar paralisado no lado grego-ocidental nem no chinês-oriental, mas se libertando de um por meio do outro e, com isso, permitir que se interpretem (2015, p. 10-1, tradução e grifo nossos).

Primeiramente, cabem alguns esclarecimentos sobre a concepção chinesa de tempo. Para o pensamento chinês, o tempo não é linear como no ocidente<sup>8</sup>. Não há um início, um ponto de partida (começo, princípio), nem, tampouco, um fim, um ponto de chegada (termo final). Tudo é um processo contínuo de transformação. O tempo é cíclico, regido pelo princípio da alternância de estações, de fases, de etapas mediadas pela constante interação de opostos, uma força ativa (*yang*) e uma força passiva (*yin*). Não se pensa em termos de evolução, de avanço no tempo, de historicidade, ou seja, do *chrónos* grego, mas em transição contínua, que, por não ser orientada por nenhum termo final, está sempre em mutação (JULLIEN, 2001, p. 26, 27, 106-7). Essa concepção de tempo se reflete na língua chinesa, em que não há conjugação verbal e nem separação entre presente, passado e futuro, justamente porque o tempo é um processo circular que não se interrompe ou se mede por intervalos (JULLIEN, 2001, p. 41-4). E a língua-pensamento chinesa, expressão que o sinólogo francês cunhou para referir-se ao citado idioma, possui o caractere 時<sup>9</sup> (*shí*), que expressa o momento favorável, o instante oportuno. *Shí* é, portanto, o conceito chinês análogo ao *kairós* grego.

Contudo, há uma alteridade (e não diferença, como sugere Jullien) entre o momento favorável ocidental (*kairós* grego) e o oriental (*shí* chinês). Este último não se caracteriza pelo elemento surpresa do acaso. Não há nada de acidental ou circunstancial no instante oportuno *shí* (JULLIEN, 2015, p. 32). Enquanto o momento favorável grego depende do acaso para que se abra o intervalo fugaz e oportuno em que se torna possível agir de maneira bem-sucedida, o momento favorável chinês tem uma configuração outra, ou seja, são outros os seus componentes. Não se trata de um evento aleatório e sequer há o concurso de circunstâncias auspiciosas que impelem à ação. É o momento adequado, fruto de uma transformação que permite a intervenção no curso de um processo que

<sup>8</sup> Todas as vezes que mencionamos pensamento ocidental ou ocidente referimo-nos ao pensamento filosófico e cultural ocidentais que tem por base o modelo helenista, isto é, a tradição e filosofia gregas.

<sup>9</sup> In: *Dictionnaire de sinogrammes Chine-nouvelle.com*. Disponível em: <<https://www.chine-nouvelle.com/outils/sinogrammes.html?q=%E6%97%B6>>. Acesso em 08/06/2021.

alcançou a maturação, tornando possível a colheita dos resultados. Como se vê, a concepção chinesa de momento favorável retira toda a dramaticidade contida na noção ocidental (JULLIEN, 1996, p. 79-83, 98).

O esquema abaixo retrata as alteridades dos conceitos grego-ocidental e chinês-oriental de momento favorável:

<i>kairós</i>	acaso	→ momento favorável	→ ruptura-ação
<i>shí</i>	fluxo constante	→ momento favorável	→ transformação-colheita

QUADRO 1: Esquema comparativo dos conceitos *kairós* e *shí*  
Elaboração: (2021)

A aplicação do princípio do momento favorável chinês à concepção bermaniana da temporalidade (re)tradutória, ao invés da noção grega *kairós*, é bastante fecunda. O tradutor não atuaria na dependência do acaso e nem, conseqüentemente, de improviso e subitamente. Ao contrário, faria uma intervenção calculada, em um determinado momento – o momento favorável – que seria o resultado de um processo de transformação e de maturação que permitiria a colheita (JULLIEN, 1996, p. 83), isto é, a (re)tradução bem-sucedida. Sem o elemento surpresa, no *shí* fica afastada a ideia de improviso e precipitação. O protagonismo seria todo do tradutor, não mais dependente da sorte e do destino para poder atuar, ele que, atento ao processo de mudança, saberia reconhecer o momento exato de intervir, colher os frutos de uma transformação/maturação e ser bem-sucedido, realizando a (re)tradução abundante.

Uma outra noção oriunda da tradição chinesa que, aplicada à temporalidade bermaniana da (re)tradução, seria muito profícua é a do envelhecimento. Para os chineses, como o tempo é circular e não uma linha com início e fim demarcados, envelhecer é da ordem da transição (mudança) e não da travessia (cruzamento). Não se trata de passar da fase adulta para a velhice, em um período mais ou menos definido da linha do tempo, como o é para o ocidente. É antes um processo contínuo de desgaste, que acompanha toda a existência, pois já se começa a envelhecer bem antes de se tornar adulto. Não é a passagem de um estado a outro, assinalada por esta ou aquela evidência suscetível de ser isolada. É um fenômeno de degradação sutil que afeta o todo progressiva e continuamente, razão pela qual não pode ser analisado em termos de atributos separados. É uma transformação global e contínua que demanda a renovação (JULLIEN, 2001, p. 102, 112-3). Então, adotando-se esse ponto de vista, as traduções envelheceriam como um todo, sem que se pudesse identificar este ou

aquele fator que o determinou, visto que se trata de um processo continuado de degradação que culminaria com a conveniência da reciclagem. Há uma transição (mudança) que dá origem à necessidade de renovação, a (re)tradução abundante. O conceito chinês de envelhecimento elimina o interesse em isolar e determinar os fatores que deram causa (demandaram uma nova (re)tradução), pois o tempo, entendido como processo contínuo, ininterrupto e global, que obedece à ordem natural dos ciclos que se alternam, prescinde de dissecação.

Dessa forma, a partir da noção de momento favorável pela perspectiva chinesa, as objeções às proposições acerca da temporalidade da (re)tradução bermaniana ficam enfraquecidas. A título ilustrativo, partindo de um exemplo oferecido por Berman do *kairós* aplicado a uma grande (re)tradução do século XX, que seria a *Eneida* de Klossowski (1969), faremos o exercício proposto por François Jullien reconfigurando a dimensão temporal pela sua “*decatégorização*” e “*recatégorização*”. Em outras palavras, após apontarmos a inconsistência da noção *kairós* aplicada ao referido exemplo de Berman, empregaremos, no seu lugar, o conceito *shí*, que afasta a vulnerabilidade da proposição bermaniana.

No ensaio *La retraduction comme espace de la traduction*, que instaurou o debate sobre retradução, Berman explica que o *kairós* da grande (re)tradução que entende ser a *Eneida* de Klossowski estaria no fato de que a cultura francesa refletia novamente sobre “*muthos, épos e logos*” (*sic*) e justamente a *Eneida* de Klossowski fez “*ecoar o Dizer épico em francês*” naquele momento, portanto, favorável para a referida (re)tradução (*op. cit.*, p. 7). Porém, ele elenca fatores anteriores que teriam contribuído para a abundância dessa (re)tradução de Klossowski e que não se coadunam com os componentes aleatórios e abruptos da noção *kairós* grego-ocidental por ele desenvolvida. Como aponta o próprio autor, a publicação dez anos antes – e quase simultânea em alemão, inglês e francês – da obra *A morte de Virgílio*<sup>10</sup> de Hermann Broch teria despertado o interesse pelos temas suscitados na épica, que passaram, desde então, a interessar a cultura francesa. Assim, somente após um processo que levou anos, é que a cultura francesa teria chegado ao momento favorável para uma (re)tradução da *Eneida*. Em outros termos, foi um processo de maturação da cultura francesa iniciado anos antes, com a obra de Broch, e que teria ocasionado o momento favorável para a (re)tradução abundante (bem-sucedida) de Klossowski (*op. cit.*, p. 7). Além desse fato passado, Berman também atribui outros fatores de ordem poética à abundância de referida (re)tradução e que seriam, da mesma forma,

<sup>10</sup> Berman fala em dez anos entre a publicação do livro de Broch e a tradução de Klossowski, mas na verdade *A morte de Virgílio* foi publicada em 1945, portanto, vinte e quatro anos antes da referida grande (re)tradução da *Eneida* que é de 1969. Optamos por não corrigir esta imprecisão do exemplo de Berman, ainda que um decurso de tempo mais longo seja mais positivo para a hipótese que defendemos.

muito anteriores a ela. Segundo o autor, contribuíram para a realização e completude da *Eneida* de Klossowski “o vasto horizonte poético que, indo de Mallarmé a Bonnefoy passando por Claudel, Saint John, Perse, os surrealistas e Jouve” abriu-se para o tradutor (1985, p. 134). Berman não está querendo dizer que referidos poetas foram usados por Klossowski para traduzir, como ele mesmo adverte, mas que esses escritores abriram para o tradutor “possibilidades poéticas” latentes da língua, sem as quais a sua (re)tradução da *Eneida* seria “impensável” (1985, p. 134). Como se vê, a (re)tradução abundante (bem-sucedida) da *Eneida* de Klossowski, pelas próprias razões elencadas por Berman, não se encaixa na definição de momento favorável pelo parâmetro ocidental-helenista *kairós*, dado que não há nela o elemento do acaso, do inesperado, do abrupto. Por outro lado, a noção oriental-chinesa *shí* de momento favorável, aplicada a esse exemplo do próprio Berman, parece mais profícua, pois o que se observa é a somatória de fatores produzidos durante anos, e que culminaram com uma transformação, uma renovação da cultura e poéticas francesas. Essas transformações pelas quais passou a cultura francesa após o advento da obra de Broch, somadas às possibilidades poéticas aperfeiçoadas ao longo de anos, representam o processo de maturação que propicia a colheita, isto é, favorece a atuação bem-sucedida quando a ocasião favorável resultante é reconhecida e desfrutada. Esta última seria a intervenção oportuna, ou seja, a (re)tradução de Klossowski, o que, conseqüentemente, faz dele o único protagonista. A sua (re)tradução não seria, portanto, o produto de um momento abrupto e inesperado, resultado do acaso, mas um ato calculado da parte do tradutor que, atento ao processo de transição da cultura e poética francesas, soube reconhecer, atuar e ser bem-sucedido. Observamos que o momento favorável ao qual está sujeita uma retradução abundante do qual fala Berman foi, ainda assim, configurado, porém, nos moldes do pensamento oriental. Pelo exposto, depreendemos que o exercício de reconfiguração da categoria temporal bermaniana da retradução por meio da aplicação do princípio do momento favorável chinês *shí*, ao invés da noção grega *kairós*, revela-se mais fecundo nas proposições de Antoine Berman acerca da temporalidade de uma retradução abundante (bem-sucedida).

Como quer que seja, vale reiterar que Berman se propôs a lançar o debate sobre retradução, realizando, em suas próprias palavras, um “esboço” da noção. Com o presente estudo, pretendemos apenas iluminar o trabalho precursor de Berman a partir de um novo prisma que pudesse alcançar os recônditos assombreados da sua reflexão. Tivesse ele tido “tempo”, poderia talvez ter aclarado.

## REFERÊNCIAS

BADIOU, Alain; BERMAN, Isabelle; CASSIN, Barbara. Nota dos editores franceses. In: BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. Trad. Marie-Hélène C. Torres, Mauri Furlan, Andrea Guerini. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013.

BENSIMON, Paul. Présentation. **Palimpsestes**, Paris, n. 4, p. 1-7, 1990. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/palimpsestes/728>>. Acesso em 18/04/2021.

BERMAN, Antoine. **La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain**. Mauvezin: Éditions Trans-Europ-Repress, 1985.

BERMAN, Antoine. La retraduction comme espace de la traduction. **Palimpsestes**, Paris, n. 4, p. 1-7, 1990. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/palimpsestes/596>>. Acesso em 13/12/2020.

BERMAN, Antoine. L'accentuation et le principe d'abondance en traduction. **Palimpsestes**, Paris, n. 5, p. 11-17, 1991. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/palimpsestes/611>>. Acesso em 20/01/2021.

BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. Trad. Marie-Hélène C. Torres, Mauri Furlan, Andrea Guerini. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013.

BALIBAR, Françoise; BÜTTGEN, Philippe; CLÉRO, Jean-Pierre; COLLETTE, Jacques; CASSIN, Barbara. Moment, instant, occasion. In: CASSIN, Barbara (Dir.). **Vocabulaire européen des philosophies**, dictionnaire des intraduisibles. Paris: Seuil/Le Robert, 2004, p. 1094-1104.

BROCH, Hermann. **La mort de Virgile de Hermann Broch**, roman de la mémoire. Persac: Presses Universitaires de Bordeaux, 2007. Disponível em: <<https://books.openedition.org/pub/26411>>. Acesso em 18/04/2021.

FURLAN, Mauri. Retraduzir é preciso. **Scientia Traductionis**, Santa Catarina, n. 13, p. 284-294, 2013. Disponível em: <<http://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/30231/25183>>. Acesso em 13/12/2020.

GAMBIER, Yves. La retraduction: ambiguïtés et défis. *In*: MONTI, Enrico ; SCHYDER, Peter (Dir.) **Autour de la retraduction, perspectives littéraires européennes**. Paris: Orizons, p. 49-67, 2011.

GOETHE, Johann Wolfgang von. De l'expérience considérée comme médiatrice entre l'objet et le sujet. *In*: GOETHE, Johann Wolfgang von. **Œuvres d'histoire naturelle de Goethe**: comprenant divers mémoires d'anatomie comparée, de botanique et de géologie. Trad. Ch. Fr. Martins. Paris: A. Cherbuliez, 1837. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6577881q/13>>. Acesso em 10/01/2021.

GODARD, Barbara. L'éthique du traduire: Antoine Berman et le « virage éthique » en traduction. **TTR**: traduction, terminologie, rédaction. Montréal, v. 14, n. 2, p. 49-82, 2001. Disponível em: <<https://www.erudit.org/en/journals/ttr/2001-v14-n2-ttr409/000569ar/>>. Acesso em 08/06/2021.

JULLIEN, François. **Traité de l'efficacité**. Paris: Grasset, 1996.

JULLIEN, François. **Du temps**, éléments d'une philosophie du vivre. Paris: Grasset, 2001.

JULLIEN, François. **La pensée chinoise**, en vis-à-vis de la philosophie. Paris: Gallimard, 2015.

LADMIRAL, Jean-René. Nous autres traductions, nous savons maintenant que nous sommes mortelles... *In*: MONTI, Enrico; SCHINYDER, Peter (Dir.). **Autour de la retraduction: perspectives littéraires européennes**. Paris: Orizons, 2011.

MESCHONNIC, Henri. **Poétique du traduire**. Paris: Verdier, 1999

MILTON, John; TORRES, Marie-Hélène C. (Org.). Tradução, retradução e adaptação: um percurso teórico. **Cadernos de Tradução**, v. 1, n. 11, 2003.

MATTOS, Thiago; FALEIROS, Álvaro. A noção de retradução nos Estudos da Tradução: um percurso teórico. **Revista Letras Raras**, Campina Grande, v. 5, n. 2, p. 35-37, 2014. Disponível em: <<http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/307> >. Acesso em 13/12/2020.

PETRY, Simone. Retradução e o princípio da abundância. **Tradução em Revista**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 166-180, 2015. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/25592/25592.PDF>>. Acesso em 13/12/2020.

PETRY, Simone. **A tradução como obra**: relações entre a leitura bermaniana do conceito romântico de obra de arte e sua reflexão sobre tradução. Tese (Doutorado em Teoria e Crítica Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2016.

SKIBIŃSKA, Elzbieta. La retraduction, manifestation de la subjectivité du traducteur. **Doletiana: Revista de traducció, literatura i arts**, Barcelona, n. 1, p. 1-10, 2007. Disponível em: <<http://webs2002.uab.es/doletiana/1Documents/1Skibinska.pdf>>. Acesso em 20/01/2021.

Data de envio: 26/04/2021

Data de aprovação: 22/06/2021

Data de publicação: 15/07/2021